

- VLADIMIR PIRES JUNIOR
- OTILIA MARIA L. B. SEIFFERT
- ALEXANDRE DE OLIVEIRA HENZ



A ATENÇÃO DOMICILIAR E O PSICÓLOGO: APONTAMENTOS PARA A FORMAÇÃO

Trata-se, então, de inventar teorias experimentais para a urgência dos problemas da clínica em instituições públicas. É neste sentido que podemos falar em tecnologias da subjetividade ou formas de intervenção, onde o operador conceitual deve ser já uma ação sobre o real (NEVES et al., 1993, p.177).

DA ORIGEM ...

Os apontamentos aqui presentes se originam num estudo que assumiu como objeto a investigação das experiências do psicólogo em programas de atenção domiciliar no sistema público de saúde, na grande São Paulo, com os seguintes objetivos:

Apreender as experiências do psicólogo integrante de equipe multiprofissional em serviços públicos de atenção domiciliar.

Identificar suas percepções sobre qualificações necessárias para atuação profissional nesse contexto.

Nesse, o percurso metodológico assumiu a abordagem qualitativa e se deu em três etapas: pesquisa bibliográfica, análise documental e pesquisa de campo com entrevistas abertas, privilegiando a história de vida temática dos colaboradores no campo em questão.

No processo de produção de dados, dos diálogos entre as narrativas e o referencial teórico-bibliográfico utilizado emergiram problematizações ao modelo predominante de formação do psicólogo.

CONSTATAÇÕES ...

A produção final demonstra que a atenção domiciliar é um campo recente de práticas em saúde marcado pelo desenho sociopolítico contemporâneo denominado “sociedade de controle” (DELEUZE, 1992);

O psicólogo chega nesse contexto pautando suas atuações no modelo romântico-liberal-disciplinar e experimenta desterritorialização teórico-técnica nas ações “a céu aberto” e na relação com a equipe de saúde (LANCETTI, 2006);

Constata que a “experiência” é norteadora das intervenções; que os referenciais da prática clínica-intimista são reconsiderados e o repertório interventivo ampliado (BEZERRA JUNIOR, 2008; FIGUEIREDO, 2007);

Como “qualificações” sugerem que é necessário ao psicólogo flexibilizar seus aportes teóricos e criar, baseado na experimentação, novas ferramentas interventivas; privilegiar intervenções clínicas concisas; disponibilidade para atuar em equipe; ampliar o arcabouço teórico-técnico interventivo e capacidade para suportar as ressonâncias do sofrimento presente no contexto.

CONCLUSÕES E APONTAMENTOS PARA A FORMAÇÃO

“Ensina-se sobre o que se pesquisa e não sobre o que se sabe”
(DELEUZE, 1988, p. 18)

Algumas problematizações surgidas demonstram...

- Que as experimentações no campo da atenção domiciliar beneficiam a Psicologia, desestabilizando os saberes instituídos e oxigenando novas práticas e formas de produção de conhecimento e aos profissionais da saúde em geral, pela experimentação diferenciada que os aproxima das nuances socio culturais vivenciadas por grande parte da população, estimulando-os a rever suas práticas e produção do saber, à busca de formas inovadoras e diferenciadas de intervenção;
- Que a desnaturalização do saber possibilita ao psicólogo capacidade crítica para analisar os discursos presentes em suas intervenções e a que processos de subjetivação favorecem, bem como das bases ético-epistemológicas dos saberes vigentes na área da saúde. O exercício crítico se inicia pelo reconhecimento dos saberes e da clínica como construções histórico-políticas, não naturais, sem essências eternas, a-históricas, sempre passíveis de problematizações em sua autonomia, hierarquia e limites, esteja o psicólogo em seu consultório, no hospital ou no campo da atenção domiciliar (BEZERRA JUNIOR, 2008).
- Que a transdisciplinaridade favorece a afetação entre as disciplinas, possibilitando outros arranjos teórico-técnicos para exercício das práticas psicológicas na atualidade (HUNING; GUARESCHI, 2005; PASSOS; BENEVIDES, 2005).

BIBLIOGRAFIA

- BEZERRA JUNIOR, B.; TEDESCO, S. (orgs). Pragmatismos, pragmatismos e produção de subjetividades. Rio de Janeiro: Garamond, p.202-223, 2008.
- DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. Conversações: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FIGUEIREDO, L. C. M. A invenção do psicológico: Quanto século de subjetivação 1500-1900. 7ª ed. São Paulo: Escuta, 2007.
- HUNING, S.M.; GUARESCHI, N.M. Problematizações das práticas psi: articulações com o pensamento foucaultiano. *Alônesis Digital*, n.8, p.95-103, 2015. Disponível em: <http://www.riazc.unica.br/index.php/alonesis/article/view/Article/39156/09>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- LANCETTI, A. Clínica Penitenciária. São Paulo: Huacret, 2006.
- NEVES, O. L. B. et al. Teorias e práticas psicológicas em instituições públicas. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 176-186, 1997.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. Clínica, política e as modulações do capitalismo. *Lugar Commum*, n. 19-20, p.159-171, jan/jun, 2004.